



**HAL**  
open science

# A Produção do espaço hitita e a reprodução do poder: Hattusa no século XIV a.C

Anita Fattori

► **To cite this version:**

Anita Fattori. A Produção do espaço hitita e a reprodução do poder: Hattusa no século XIV a.C. Revista Arqueologia Pública, 2013, ANAIS I Semana de Arqueologia - Unicamp “Arqueologia e Poder”, Especial. hal-03336374

**HAL Id: hal-03336374**

**<https://hal.science/hal-03336374v1>**

Submitted on 7 Sep 2021

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



## **A Produção do espaço hitita e a reprodução do poder: Hattusa no século XIV a.C.**

Anita Fattori

Trabalho orientado pelo Professor Mestre Fábio Augusto Morales Soares  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

### **Resumo**

O presente trabalho propõe analisar, a partir de documentos e mapas, a questão da produção do espaço urbano na cidade hitita de Hattusa no século XIV a.C, período que representa sua fase mais ilustre; buscando compreender como a cultura material legitima e justifica o poder do governante, pensando a relação ente produção do espaço e movimento dessa sociedade.

Interessa o fato de compreender os mecanismos e a sua dinâmica pensando na relação entre a estrutura social e a ação humana, já que o espaço (nesse caso a cidade e seus elementos urbanos específicos – principalmente a relação entre Cidade Alta e Cidade Baixa) é criado em função do social<sup>1</sup>; entendendo que a análise das fontes não trará o conhecimento exato sobre o passado, mas nos fará compreender como se dá a construção do poder temporal em função da apropriação do espaço, e vice versa.

Ao entender como se dá a relação interna entre os diferentes edifícios dentro desses dois espaços principais, a Cidade Alta e a Cidade Baixa, pode-se compreender como a sua centralidade se manifestava nas construções e no traçado da capital, analisando a relação entre forma de dominação imperial hitita e produção do espaço em Hattusa; como também entender a relação externa desse espaço específico com as cidades do oriente próximo contemporâneas a ele; analisando e relacionando as dimensões do imperialismo hitita e as influências desse império dentro do oriente próximo.

**Palavras-chave:** Poder; Espaço; Hattusa.

### **Abstract**

---

<sup>1</sup> LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*. Oxford: Basil Blackwell. Originally published 1974.



This article presents an analyses, based in documents and maps, inquiring the production of urban space in the Hittite city of Hattusa in the 14th century B.C, period that represents its best time; searching comprehend how the materialistic culture legitimate and justify the power of the ruler, considering the connection between space production and movement of this society.

Concerns the fact to comprehend the mechanics and its dynamics thinking about the relationship between the social structure and the human actions, since the space (in these case the city and its specific urban elements - specially the relation between High City and Low City) is created for the social<sup>2</sup>; realizing that the analyses of the sources will not certify about the past, but it will make us understand how the temporal power is built depending on the appropriation of the space, and contrariwise.

To knowledge the internal bounds of the different buildings inside of these two important spaces, the High City and Low City, we can perceive how its centrality is expressed on the constructions and the drawn of the capital, analysing the Hittite imperial dominance with the production of space in Hattusa; also to knowledge the external roll of these specific space with the cities from the near east comtemporary with it; analysing and relating the dimensions of the imperial hitit and it influence inside the near east.

**Key words:** Power; Space; Hattusa

---

<sup>2</sup> LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*. Oxford: Basil Blackwell. Originally published 1974.

O presente artigo pretende analisar a questão da produção do espaço hitita na cidade de Hattusa no século XIV a.C. Pensando a periodização proposta por Mario Liverani<sup>3</sup>, podemos encaixar a história hitita nos ‘ciclos de urbanização’; ela faria parte do ‘terceiro ciclo’ ou ciclo dos ‘sistemas regionais’ (2000-1200), marcado por cidades mais centradas e equilibradas em nível tecnológico, na organização sócio-política e no poder militar; os povos – os egípcios, os hititas, o reino de Mitani, os assírios, os babilônios e os elamitas - estavam em maior contato, parceria e comunicação através de práticas diplomáticas estáveis, as organizações políticas menores foram anexadas e organizadas a partir de uma lógica de vassalagem: os grandes reis eram o poder regional e protegiam os pequenos reis, que eram o poder local e deviam lealdade aos primeiros; os reis eram vistos como figuras paternalistas e seu prestígio estava baseado no mérito pessoal.

A escolha da cidade de Hattusa no século XIV a.C se dá por sua centralidade como capital desse Império, além de ser a sua época mais ilustre. Nesse contexto, serão abordadas as questões iniciais que permeiam e permitem compreender as relações entre produção espaço e produção social.

Os hititas são um povo de origem indo-européia que se estabeleceu na Anatólia durante a Idade do Ferro e adquiriu sua maior extensão territorial através da Anatólia, norte da Síria até o Eufrates, e ao sul através da Síria-Palestina até a região ao redor de Damasco.

No início o conhecimento sobre os hititas se limitava a poucas menções bíblicas, na maioria das vezes citados como “Filhos de Hete”<sup>4</sup>, encontradas em algumas passagens do Antigo Testamento<sup>5</sup>, as quais, antes das descobertas arqueológicas, eram interpretadas pelos estudiosos bíblicos como sendo uma pequena tribo que habitava as colinas de Canaã. Em 1834, Charles Texier<sup>6</sup> encontra Hattusa; entretanto, o conhecimento sobre os hititas floresceu somente no século XX com as descobertas arqueológicas e o início de grandes projetos de escavação pela Sociedade

---

<sup>3</sup> LIVERANI, Mario. “Historical Overview”. In: A Companion to the ancient near east. Edited by Daniel C. Snell. 2005.

<sup>4</sup> Gen 10:15

<sup>5</sup> COLLINS, Billie Jean. *The Hittites and Their World*. Society of Biblical literature archaeology and biblical studies; no.07. 2007

<sup>6</sup>GENZ, Hermann; MIELKE, Dirk Paul. “Research on the Hittites: A Short Overview”. In: GENZ, Hermann ; MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hititte History and Arqueology* .Belgium. 2001.

Germânica Oriental (Deutsche Orient-Gesellschaft [DOG])<sup>7</sup>, no ano de 1906 conduzidos pelo arqueólogo alemão Hugo Winckler, escavações que continuam sistematicamente até os dias de hoje. Após as descobertas arqueológicas que colocaram o centro dessa civilização no norte da Turquia, próximo à cidade de Çorum, surgiram duas principais interpretações acerca dessa divergência de identidade: o primeiro grupo admite que a menção da bíblia se referia ao mesmo povo que habitou o norte da Turquia, que se moveu para o sul em direção à Canaã e formou os reinos neo-hititas após o colapso desse Império que coincide com a passagem da Idade do Bronze para a Idade do Ferro; e o segundo grupo que vê a referência à tribo Cananéia como distinta da dos reinos neo-hititas, apenas como representações literárias.

Os primeiros indícios dos hititas na Anatólia aparecem por volta do ano 2000 a.C, porém a história do seu surgimento e fixação na região ainda é controversa. Pode-se afirmar que por volta de 1650 a.C Hattusili se torna Rei e dá um grande passo para o desenvolvimento de seu reino quando torna Hattusa capital e sede da dinastia real; permanecendo assim até 1200 a.C, período em que entrou em colapso<sup>8</sup>. Infelizmente nos faltam dados suficientes para uma periodização precisa, ela é marginal e feita com base comparativa com as informações/cronologia dos quatro grandes reinos que coexistiram aos hititas no Oriente Próximo durante a Idade do Bronze, a saber: Babilônia, Assíria, Egito e Mitani<sup>9</sup>. Nesse artigo será utilizada, para maior facilidade de compreensão, a divisão tripartite da história hitita<sup>10</sup> nos seguintes períodos: Reino Antigo, Reino Médio e Período do Império.

O século XIV a.C foi a época em que se estabeleceu o Império Hitita e que a capital toma sua configuração mais completa e complexa. Destaca-se o rei Suppiluliuma I (1350-1322<sup>11</sup>), que com o objetivo de expandir e conquistar territórios transformou o reino hitita da Anatólia em um

---

<sup>7</sup> COLLINS, Billie Jean. *The Hittites and Their World*. Society of Biblical literature archaeology and biblical studies; no.07. 2007

<sup>8</sup> BRYCE, Trevor R. *The Kingdom of the Hittites*. Published in the United States by Oxford University Press Inc., New York: 2005.

<sup>9</sup> GENZ, Hermann; MIELKE, Dirk Paul. “Research on the Hittites: A Short Overview”. In: GENZ, Hermann ; MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Arqueology*. Belgium. 2001.

<sup>10</sup> GENZ, Hermann; MIELKE, Dirk Paul. “Research on the Hittites: A Short Overview”. In: GENZ, Hermann ; MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Arqueology*. Belgium. 2001.

<sup>11</sup> BRYCE, Trevor R. *The Kingdom of the Hittites*. Published in the United States by Oxford University Press Inc., New York:2005.

dos maiores Impérios do Oriente Próximo durante a Idade do Bronze<sup>12</sup>. Nesse período o Império assume sua maior dimensão tanto de territórios quanto de extensão do poder. Império aqui é pensado “tanto como uma relação quanto um processo que fundamentam episódios recorrentes de interação individual e coletiva em uma multiplicidade de níveis sócio-políticos e culturais<sup>13</sup>”, conceituado como uma “sobreposição de múltiplas e entrecruzadas redes sócio-espaciais<sup>14</sup>”; admitindo o império como um modelo dinâmico, o qual está em constante restabelecimento, regeneração e redefinição.<sup>15</sup> Não deixando de lado a problemática de assumir império/imperialismo de forma anacrônica, já que o termo admite variadas acepções e denotações.

Apesar de ter uma estreita relação com o pai, principalmente nos campos de batalha onde foi responsável por muitas vitórias, Suppiluliuma não era destinado ao trono real; seu irmão Tudhaliya seria o novo Rei. Mesmo jurando fidelidade a seu irmão, o ambicioso Suppiluliuma não admitiu uma posição de subordinação diante de tudo que havia feito para o reino, mandando matar seu irmão para assumir o controle do Império.<sup>16</sup> A imagem que temos dele é um Chefe militar muito capaz de comandar e planejar seus ataques cuidadosamente com intrincados movimentos diplomáticos.

Durante todo o tempo os governantes hititas evitaram qualquer conflito direto com os reinos próximos, porém ao reconquistar a hegemonia sobre a Anatólia quando toma Isuwa, Suppiluliuma não tem como evitar um conflito direto com seu principal rival: Mitani. Ali se encontrava o melhor momento para os hititas atacarem e capitalizarem os domínios inimigos, já que os mesmos se encontravam vulneráveis a forças externas diante de uma situação em que o reino estava dividido por dissensões internas. Preparando o ataque usa de sua principal estratégia: isola seu inimigo através

---

<sup>12</sup> KLENGEL, Horst. “History of the Hittites”. In: GENZ, Hermann ; MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Archaeology*. Belgium. 2001.

<sup>13</sup> GLATZ, Claudia. “The Hittite State and Empire from archaeological evidence.” In: STEADMAN, Sharon R.; MCMAHON, Gregory. *The Oxford Handbook of Ancient Anatolia: (10,000-323 BCE)* p.p.883. Oxford University Press: 2011.

<sup>14</sup> MANN, Michael. *The Sources of Social Power. A history of power from the beginning to A.D. 1760*. Vol. I. Cambridge. Cambridge University Press.

<sup>15</sup> GLATZ, Claudia. “The Hittite State and Empire from archaeological evidence.” In: STEADMAN, Sharon R.; MCMAHON, Gregory. *The Oxford Handbook of Ancient Anatolia: (10,000-323 BCE)*. Oxford University Press: 2011.

<sup>16</sup> BRYCE, Trevor R. *The Kingdom of the Hittites*. Published in the United States by Oxford University Press Inc., New York: 2005.

de alianças diplomáticas que o excluíssem, assim seria um conflito direto sem que o inimigo tivesse algum tipo de apoio extra. Um exemplo claro dessas alianças foi o seu casamento com a filha do rei da Babilônia, Tawananna, estrategicamente realizado para manter a neutralidade durante sua campanha contra Mitani. Sua campanha na Síria durou anos e foi devastadora; foi nessa época que conquistou Kadesh, região que mais tarde será alvo de disputa contra os egípcios, e também tomou posse de Carquemis, a maior e mais fortificada das cidades do reino de Mitani.<sup>17</sup>

Suppiluliuma I foi além de conquistador, ele estabeleceu um império. Tão impressionante quanto suas conquistas territoriais estabelecidas através de estados vassalos - que se estendiam da Anatólia pelo norte da Síria até o Eufrates, e ao sul através da Síria-Palestina até as regiões ao redor de Damasco, a maior extensão de domínios atingida pelos hititas - foi o seu legado de alianças garantidas através de contratos. Estabeleceu um controle inédito e estável nessas novas regiões conquistadas instalando seus filhos na posição de vice-reis em cidades dominadas fora do Império, os quais exerciam importantes responsabilidades religiosas e jurídicas que, dentro do Império, eram delegadas ao seu pai; já os governantes dos estados vassalos dentro do Império eram garantidos pela sucessão via linhagem direta e com liberdades quase totais, mas continuavam na posição de vassalos do Grande Rei.<sup>18</sup> Como a guerra era o estado permanente desse universo que habitavam e a imagem do soberano só chega até nós através de documentos oficiais como cartas, anais e testamentos; concluímos que não podemos fazer uma construção das características extra-oficiais desses governantes, nos levando a percepção de que, provavelmente, tinham uma vida austera que pouco ultrapassava suas funções políticas, militares e religiosas.

Dentro desse contexto podemos caracterizar os hititas como uma sociedade altamente regulamentada. Seu funcionamento se dava através dessa rede de estados vassalos que, apesar de sua autonomia local, cumpriam uma série de obrigações ao soberano real garantidas por contratos, leis, e pelo princípio suserano-vassalo.

O rei cumpria o papel de suserano, garantindo as matérias primas necessárias para a sobrevivência do império e a segurança dos bens dos vassalos. Como vimos eram tempos que a

---

<sup>17</sup> BRYCE, Trevor R. *The Kingdom of the Hittites*. Published in the United States by Oxford University Press Inc., New York: 2005.

<sup>18</sup> BRYCE, Trevor R. “Hittite State and Society”. In: GENZ, Hermann ; MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Arqueology*. Belgium. 2001.

guerra e as expedições militares, com o objetivo de expandir os domínios, eram mais normais que os tempos de paz, e que as monarquias do Oriente Próximo tinham a ideologia real de que seu comandante deveria ser um grande guerreiro, já que viviam numa época de perdas/conquistas constante de domínios, fronteiras indefinidas e inconstantes; portanto para ocupar o trono real, o candidato deveria mostrar-se, tanto a seus súditos quanto a seus inimigos e aliados, como uma figura corajosa e com aptidões para guerra igual ou superior ao seu antecessor.<sup>19</sup> Entendendo, assim, que ele era escolhido mais do que por linhagem direta; ele deveria ser capaz de proteger seus súditos, de impor respeito entre seus aliados e medo entre seus adversários.

Outra forma que garantia o bom funcionamento e ordem dessa sociedade eram as chamadas ‘As Leis’. Esse conjunto com cerca de duzentas cláusulas se baseava no princípio da compensação e restituição da vítima, portando-se mais como um manual de consulta e diretrizes do que na natureza prescritiva propriamente dita, já que perpassava a esfera jurídica na medida em que orientava, também, preços, salários e contratos sociais. Como se adaptava aos costumes de cada comunidade nos faz pensar na autonomia local para decisão de pequenas coisas e na obrigação dos vassallos como mantenedores da ordem, já que o soberano apenas verificava se as sentenças haviam sido cumpridas.

Além das funções de governante e chefe militar, o rei hitita tinha um importante papel religioso. Em uma sociedade que não distingue as esferas do secular e do sagrado, o governante se portava como vice-governante da principal divindade do panteão hitita na terra, o Deus Tempestade; por isso a relação dos adoradores mortais com as divindades se dava da mesma forma que a relação rei-súdito. A religião hitita era politeísta, eles acreditavam que o mundo era habitado por uma imensidão de espíritos e forças divinas, a sua maioria ligadas a terra e a produção agrícola, representando-as através de formas humanas. Quando Suppiluliuma I assume o governo e inicia a expansão das fronteiras, nota que suas obrigações religiosas lhe tomavam muito tempo, por isso delegou algumas funções e cargos a membros da família real e a elite hitita; sendo que, muitas vezes, quem cumpria cargos administrativos também tinha alguma função religiosa.

---

<sup>19</sup>BRYCE, Trevor R. “Hittite State and Society”. In: GENZ, Hermann ; MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Arqueology*. Belgium. 2001.



A principal questão no que diz respeito da manutenção dos bens e matéria prima, que também é a principal responsabilidade do rei diante dos seus súditos, era a garantia do sustento desse império, por isso há a importância em entender o funcionamento da economia.

Há pouca documentação e pouca evidência arqueológica sobre atividades ligadas ao comércio, já que os objetos estrangeiros encontrados nos domínios hititas eram em sua maioria tributos e presentes diplomáticos<sup>20</sup>; o que nos leva a concluir que a economia era baseada na agricultura e pecuária. Havia bom desenvolvimento da pecuária, principalmente de bovinos, caprinos e ovinos. O sistema agrário, bem estabelecido e organizado, era baseado na economia de grão e de cereais, principalmente o trigo – armazenado com a sua ‘casca’ para resistir a pragas – e a cevada – plantada pela resistência a geadas e pela produtividade mesmo em solos pobres. Como o ambiente era hostil e menores propriedades têm maior probabilidade de serem inteiramente aproveitadas, portanto a unidade chave dessa economia eram as pequenas propriedades de cultura mista, aglomeradas em aldeias ou comunidades, que podiam ser compradas, alugadas ou concedidas; a produção era armazenada em silos localizados em posições estratégicas dentro da cidade que podiam comportar de 80 a 400 toneladas, as técnicas de armazenamento eram bem desenvolvidas e eficientes, principalmente por se encontrarem em lugares isentos de oxigênio, e serem administrados e supervisionados por altos funcionários reais que determinavam quem plantava o que, o local, de que maneira e em que época; algo perfeitamente compreensível diante de uma sociedade que dependia do bom funcionamento da economia agrícola para a sua sobrevivência<sup>21</sup>.

Para melhor compreensão de como o poder real era exercido nesse império é de extrema importância a análise, além dos aspectos da sociedade, das edificações da capital. Os mais de cem anos de escavações e pesquisas nesse sítio arqueológico trouxeram a luz uma série de publicações de uma riqueza imensa. Observando alguns desses trabalhos e analisando os seus principais complexos, a Cidade Alta e a Cidade Baixa, pode-se compreender melhor a relação interna do poder com os edifícios e também como a sua centralidade se manifestava nas construções e no traçado da capital.

---

<sup>20</sup> GENZ, Hermann. “Foreign Contacts of the Hittites” In: GENZ, Hermann ; MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Archaeology*. Belgium. 2001.

<sup>21</sup> BRYCE, Trevor R. “Hittite State and Society”. In: GENZ, Hermann ; MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Archaeology*. Belgium. 2001.

As terras da Cidade Baixa, localizadas no distrito norte, são a parte mais antiga do complexo, é a cidade velha e a primeira capital hitita fundada em 1650 a.C por Hattusili I<sup>22</sup>, quando tinha apenas 1,25 por 0,5 km . Formada por inúmeros distritos individuais divididos por muralhas que possuem muitos portões, e cada portão é cercado por duas torres maciças guardando o acesso de diferentes lugares da cidade; o que nos faz pensar que a acessibilidade aos diferentes locais não era de livre circulação. A maior estrutura nesse local era o Grande Templo que está localizado no distrito de um espaçoso armazém e ao sul desse tempo encontra-se uma segunda área de silos. Esse complexo nos mostra a importância da posição dos templos na economia hitita, se portando como coração comercial e religioso. Outra importante observação sobre essa região é que no período do império uma série de silos foram cavados no cume da montanha para o armazenamento de grãos em longo prazo.<sup>23</sup> Outra estrutura de destaque é a Acrópole Real, também cercada por muros e apesar de localizada nesse distrito, seu acesso se dá através da Cidade Alta<sup>24</sup>.

Já a Cidade Alta é mais recente, foi construída durante o estabelecimento do Período do Império pelo rei Tudhaliya I/II (1400-1350 a.C), planejada como extensão da Cidade Baixa e elaborada para ser coerente com a outra parte já existente, tem vista para a Cidade Baixa, seu layout urbano é distinto já que é formada de estruturas menores que abrigavam mais de uma função, assim como o Distrito-Templo - com mais de 30 templos variando no tamanho e com características semelhantes: além das antecâmaras que abrigavam as divindades, eles serviam para a preparação e armazenamento tanto de alimentos como de matéria-prima - e também há evidências de que era a região responsável pela distribuição de água para as outras localidades<sup>25</sup>.

Essas estruturas podem ser identificadas com clareza, assim como a distinção dos edifícios de paredes finas – usados para habitação doméstica - e os de paredes grossas – usados para edifícios oficiais ou administrativos -; porém as outras construções, em sua maioria,

---

<sup>22</sup>BRYCE, Trevor. *The Kingdom of the Hittites*. Published in the United States by Oxford University Press Inc., New York:2005.

<sup>23</sup> MIELKE, Dirk Paul. “Key Sites of the Hitite Empire” In: STEADMAN, Sharon R.; MCMAHON, Gregory. *The Oxford Handbook of Ancient Anatolia: (10,000-323 BCE)* p.p.883. Oxford University Press: 2011.

<sup>24</sup> MIELKE, Dirk Paul. “Hittite Cities: Looking for a Concept”. In:GENZ, Hermann e MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hititte History and Arqueology*.Belgium. 2001.

<sup>25</sup> MIELKE, Dirk Paul. “Key Sites of the Hitite Empire” In: STEADMAN, Sharon R.; MCMAHON, Gregory. *The Oxford Handbook of Ancient Anatolia: (10,000-323 BCE)* p.p.883. Oxford University Press: 2011.

continuam com função desconhecida ou ambígua, já que muitos vestígios textuais não nos fornecem informações arquitetônicas para que possamos relacionar função e espaço.

O maior problema na análise desses espaços é o de distinguir Palácio e Templo, já que a religião e a administração real não podiam ser claramente separadas e, portanto, eles tinham funções relacionadas; os palácios hititas eram estruturas bastante complexas formadas por um conjunto de estruturas individuais agrupadas em torno de um grande pátio, ligadas por corredores cercados por salas e colunas; que se portavam como elemento essencial tanto para organização e administração dos centros econômicos regionais de distribuição, quanto como centro de cobrança de impostos. Os templos eram a residência palaciana dos Deuses, eram os únicos lugares de culto, mas também unidades econômicas que foram integradas tanto no sistema administrativo, quanto na paisagem urbana. Não podemos esquecer que, para os hititas, as unidades funcionais não correspondem necessariamente a tipos distintos de edifícios e que os governantes exercem distintas funções nessa sociedade; fazendo total sentido a interação dos palácios, unidades administrativas e templos, já que não se tratava de uma sociedade secular, pelo contrário, o Rei era o mais alto sacerdote e também o administrador dessa sociedade, e muitas vezes quem ocupava cargos administrativos também ocupava uma função religiosa equivalente; outra análise compreensível é o fato de unidades econômicas estarem ligadas tanto aos palácios quanto aos templos, portanto próximas aos administradores, pois o bom funcionamento da distribuição da produção agrícola e das matérias-primas era de grande responsabilidade e garantia o sucesso e a manutenção do império.

Nesse sentido nota-se que a arquitetura hitita é produzida a partir da disponibilidade de espaço, com exceção da Cidade Alta em que nota-se certo planejamento e coerência espiritual e física diante da Cidade Baixa<sup>26</sup>, e por características de funcionalidade<sup>27</sup>; nota-se a ausência da preocupação com a estética das edificações<sup>28</sup>.

---

<sup>26</sup> BRYCE, Trevor. *Life and Society in the Hittite World*. Published in the United States by Oxford University Press Inc., New York. 2002.

<sup>27</sup> MIELKE, Dirk Paul. “Hittite Cities: Looking for a Concept”. In: GENZ, Hermann e MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Archaeology*. Belgium. 2001.

<sup>28</sup> MIELKE, Dirk Paul. “Hittite Cities: Looking for a Concept”. In: GENZ, Hermann e MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Archaeology*. Belgium. 2001.

BRYCE, Trevor. *Life and Society in the Hittite World*. Published in the United States by Oxford University Press Inc., New York. 2002.

Ao analisar a cidade de Hattusa, admite-se que seus elementos estão inseridos no campo da cultura material, como a cultura material não é aleatória e não é apenas uma parcela do fenômeno histórico; sua dimensão vai além do material, sendo analisado o sistema cultural que produziu esse determinado contexto histórico. Por isso, a cidade é pensada a partir da função de suporte material da produção e reprodução da vida social<sup>29</sup>.

A cidade se porta como ser social, portanto é imprescindível historicizá-la como tal, já que cada sociedade tem sua própria construção do que define por cidade: “Defini-la e explorá-la levando em conta sua prática e representações pela própria sociedade que a institui e a transforma continuamente.”<sup>30</sup>. Havendo, dessa forma, melhor compreensão desses elementos que se portam além das percepções visuais.

Interessa o fato de tentar de compreender os mecanismos e a sua dinâmica pensando na relação entre a estrutura social e a ação humana, já que o espaço (nesse caso a cidade) é criado em função do social<sup>31</sup>; entendendo que a análise arqueológica não trará o conhecimento exato sobre o passado, já que os seus vestígios “são necessariamente descontínuos e desconexos”<sup>32</sup>, mas que as teorias elaboradas sobre o fato dependem muito do seu contexto social, cultural, e das significações que o arqueólogo dará a partir dessa relação<sup>33</sup>.

A partir dessa pesquisa inicial pode se salientar que a análise da produção do espaço em Hattusa no século XIV a.C a partir dos vestígios arqueológicos da cidade e das fontes textuais associadas é de grande importância para abrir questões sobre a análise e discussão dos seus elementos urbanos específicos, entendendo como se dá a relação (interna) entre os diferentes edifícios dentro desse espaço; compreendendo, posteriormente, como a cultura material legítima e justifica o poder do governante (Rei), pensando a relação entre produção do espaço e o movimento dessa sociedade específica. Essa abordagem também é importante para a compreensão posterior da “cidade” como espaço específico de cada época e de cada civilização dentro da perspectiva do Oriente Próximo, pois os povos do Oriente Próximo, apesar de sua

<sup>29</sup> MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. *A Cultura Material no Estudo das Sociedades Antigas*. Revista USP, São Paulo. Julho/Dezembro 1983.

<sup>30</sup> MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. *Introdução ao estudo histórico da iconografia brasileira*. Revista USP, São Paulo. Junho/Agosto 1996.

<sup>31</sup> LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*, Oxford: Basil Blackwell. Originally published 1974.

<sup>32</sup> GUARINELLO, Norberto Luiz. *Uma Morforlogia da História Antiga*. Politeia: Hist. E Soc., Vitória da Conquista, v.3, n.1. 2003.

<sup>33</sup> HODDER, Ian. *Interpretación en Arqueología: Corrientes Actuales*. Barcelona: Crítica. 2ªEd. 1994.

diversidade em muitos aspectos, podem ser compactados dentro de uma abordagem unificada<sup>34</sup>, lembrando que isso não quer dizer que suas especificidades devam ser deixadas de lado; entendendo como se deu e qual extensão da rede de influências desse império, como a sua centralidade se manifestava nas construções e no traçado da capital, analisando a relação entre forma de dominação imperial hitita e a produção do espaço em Hattusa com as outras formas de produção de espaço e reprodução do poder nessa perspectiva.

### Referências Bibliográficas

- BRYCE, Trevor R. “Hittite State and Society”. In: GENZ, Hermann ; MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Archaeology*. Belgium. 2001.
- BRYCE, Trevor. *Life and Society in the Hittite World*. Published in the United States by Oxford University Press Inc., New York. 2002
- BRYCE, Trevor. *The Kingdom of the Hittites*. Published in the United States by Oxford University Press Inc., New York: p.61-95 2005.
- COLLINS, Billie Jean. *The Hittites and Their World*. Society of Biblical literature archaeology and biblical studies; no.07. 2007
- HODDER, Ian. *Interpretación en Arqueología: Corrientes Actuales*. Barcelona: Crítica. 2ªEd. 1994. GENZ, Hermann. “Foreign Contacts of the Hittites” In: GENZ, Hermann ; MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Archaeology*. Belgium. 2001.
- GENZ, Hermann; MIELKE, Dirk Paul. “Research on the Hittites: A Short Overview”. In: GENZ, Hermann ; MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Archaeology*. Belgium. 2001.
- GLATZ, Claudia. “The Hittite State and Empire from archaeological evidence.” In: STEADMAN, Sharon R.; MCMAHON, Gregory. *The Oxford Handbook of Ancient Anatolia: (10,000-323 BCE)* p.p.883. Oxford University Press: 2011.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *Uma Morforlogia da História Antiga*. Politeia: Hist. E Soc., Vitória da Conquista, v.3, n.1. 2003.

---

<sup>34</sup> LIVERANI, Mario. “Historical Overview”. In: A Companion to the ancient near east. Edited by Daniel C. Snell. 2005.



- KLENGEL, Horst. “History of the Hittites”. In: GENZ, Hermann ; MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Arqueology*. Belgium. 2001.
- LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*. Oxford: Basil Blackwell. Originally published 1974.
- LIVERANI, Mario. “Historical Overview”. In: A Companion to the ancient near east. Edited by Daniel C. Snell. 2005.
- MANN, Michael. *The Sources of Social Power. A history of power from the beginning to A.D. 1760*. Vol. I. Cambridge. Cambridge University Press.
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. *A Cultura Material no Estudo das Sociedades Antigas*. Revista USP, São Paulo. Julho/Dezembro 1983.
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. *Introdução ao estudo histórico da iconografia brasileira*. Revista USP, São Paulo. Junho/Agosto 1996.
- MIELKE, Dirk Paul. “Hittite Cities: Looking for a Concept”. In: GENZ, Hermann e MIELKE, Dirk Paul. *Insights into Hittite History and Arqueology*. Belgium. 2001.
- MIELKE, Dirk Paul. “Key Sites of the Hittite Empire” In: STEADMAN, Sharon R.; MCMAHON, Gregory. *The Oxford Handbook of Ancient Anatolia: (10,000-323 BCE)* p.p.883. Oxford University Press: 2011.